Ação de formação ***Histórias iguais com finais diferentes***

Tarefa 1

Um pouquinho de mim (numa prosa poética mal amanhada!)

Admiro os poetas porque criam poemas. Não sou poeta e não sei versejar! A minha habilidade na escrita resume-se a humildes textos despretensiosos.

A minha história poder-se-á dizer que começou do outro lado do mar, no país que acolheu meus pais emigrantes na senda de uma vida melhor daquela que tinham neste cantinho lusitano. Por sua vez, também fui “migrante”, neste Portugal em que, em tempos, acolher, aceitar, abraçar os “ exóticos irmãos de além mar” era algo novo que causava alguma estranheza.

Fui “migrante” no exercício da minha nobre profissão: conheci Norte, Centro e Sul! Aprendi, na minha itinerância, a diversidade que este pequeno grande país oferece. É uma dádiva!

Sou mais de escutar… adoro música, ritmo. A empatia acontece facilmente na minha relação com os outros. Valorizo muito o respeito mútuo.

Acredito piamente que a vida neste Planeta só será melhor, cultivando o amor e a amizade sinceros e incondicionais.

Madalena Gama

Tarefa 2 ( texto narrativo)

**O colchão da Mongólia**

*Mãe… Já vais m’bora na tua terra?*

O miúdo, seu sorriso torto, era fome?, mas seu sorriso bem evidente, todo ele, olho e dente rasgando a atenção da senhora desatenta no instante. Ela, de olhos deitados numa horizontalidade apertada, denunciando toda sua estrangeirice requintada. E sempre acompanhada de um que fosse guarda-as-costas, mas não: era simplesmente um fiel intérprete. Impossibilitada de comunicar, ela desde de sempre requereu os serviços do jovem tradutor

*nunca invente nada, por favor… pergunte cada sentimento.*

recomendava com doçura intraduzível.

O miúdo, desses *na rua*, não tinha nome, só atendia pela alcunha imposta: *pêçêgê!,* assim, tão velozmente dito que às vezes resultava somente em *gêtinho*, não vale a pena querer pôr corretos portugueses nas falas do miúdo.

*Mas, ó menino, pêçêgê significa o quê?*

a madama, já traduzida no entretanto.

*A mãe não tá ver a minha perna? Assim todos da rua me chamam mesmo pisa com gêto… E quê… Ficou já pêçêgê…*O tal, o tradutor, em gestuais explanações, fosse a senhora vinda da Mongólia não entender os devidos trocadilhos e a alusão evidente ao modo do miúdo pisar o mundo. Mas a *mãe* tinha entendido e bem; pousara a olhar a criança na rua, no meio dela, investigando-lhe o olhar como só ela sabia.

*Mãe… Não olha assim então… Assim a mãe tá a chamar as lágrima.*

o miúdo entrava em pareceres psicológicos, evidentes carências da ternura que aquele olhar lhe entornava.

*Pergunte ao menino se gosta de estórias. Melhor: se acreditas nelas.*

Mas o *menino* virava mais o apetite para uma gasosa. Depois da ternura veio a sede, afinal – o calor, o esforço de mover apena-sem-gêto, a oportunidade rara. Isso também. A sede morreu, fácil, mas a senhora mantinha a torneira da ternura virada para ele, mangueirando-lhe os olhos enormes, belos, que mexiam de tanta encabulação.

*Eu volto para a minha terra amanhã, sabes?*

A criança esperou a tradução, sorriu em direção à *mãe*. Ela referiu o seu destino, já não fazendo uso das falas do intérprete, mas na via direta da comunicação pseudomaternal. O miúdo riu, riu.

*Mãe… juro mesmo não tou a estigar a tua terra. Mas aqui tem um miúdo de rua… Ele é lá da tua terra então, é um teleguiado… A mãe sabe… Mas nos disseram ele é mongolóide.*

Mesmo o tradutor disfarçando a cara feia, o ralhete facial, mas a senhora querendo os devidos detalhes, a explicação completa. Entendeu. Para espanto do miúdo, ela sorriu e pegou-lhe na mão. Ele quase sentiu o gesto queimar-lhe o peito. Essa senhora, *mãe assim bem estrangeira*, lhe tocava com esse gostar tão evidente?

Amanhã eu vou para a minha terra, mas tenho uma prenda para ti.

O miúdo sorriu – se sentia para lá da felicidade, sentado no muro com essa senhora do mesmo país do *teleguiado*, lhe pondo gasosa na barriga e ainda prometia prendas. Era um miúdo tão miúdo que tinha esquecido as suas normais desconfianças. A senhora se embalou no seu texto poético, esquecendo o destinatário era uma simples criança:

*Tens de prometer que vais fazer com essa prenda o que te apetecer… Tudo o que te apetecer.*

Aí a tristeza repentina voltou, o miúdo estava a aguar o mundo, querendo esconder as suas vistas enormes.

Ondjaki, *E se amanhã o medo* - contos, Ed. Caminho, 2005 (págs. 33-35)